

*Bem Inopos*  
MOMENTOS INADIÁVEIS

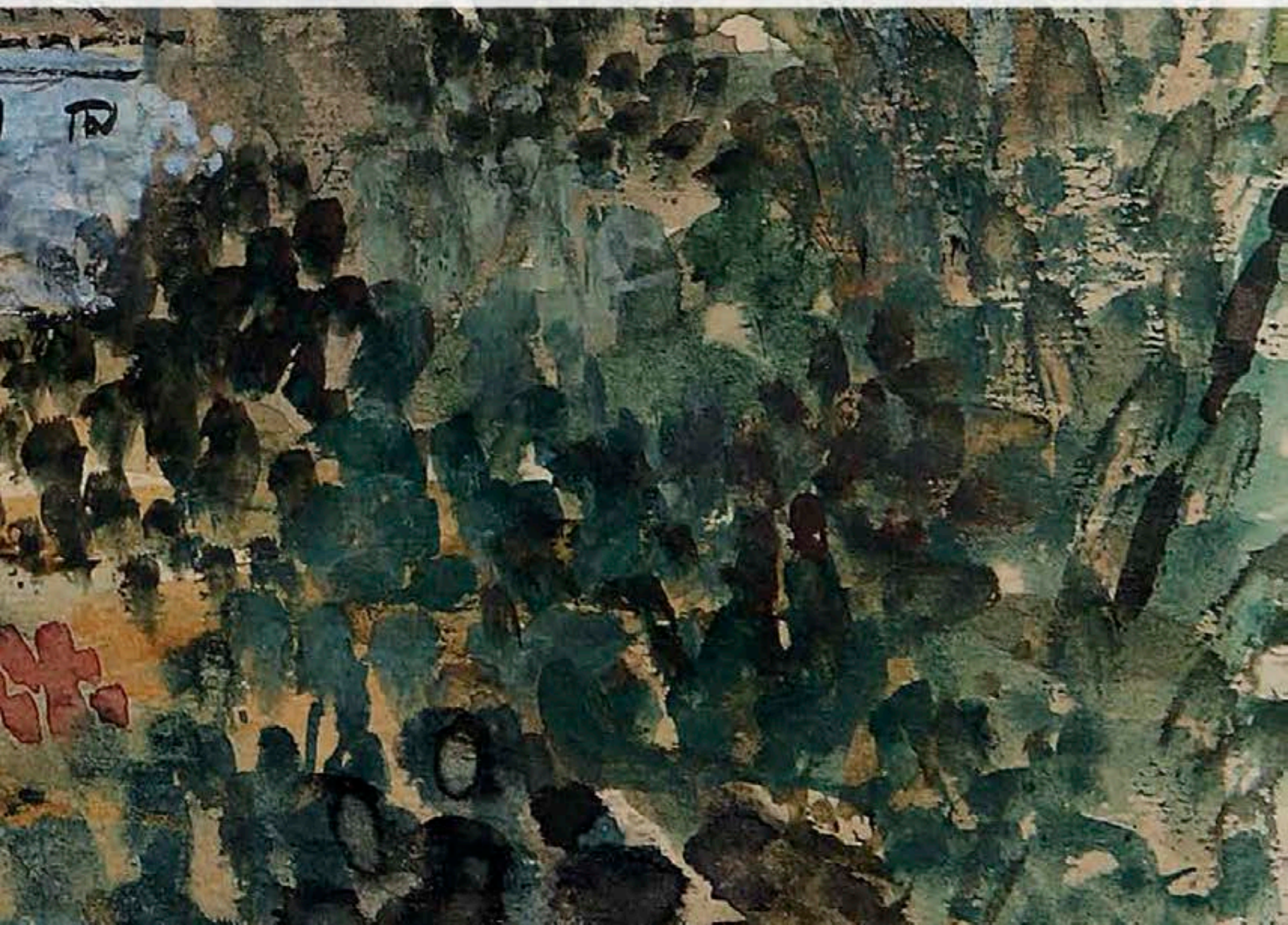


SÃO ROQUE





CAPA — BERNARDO MARQUES; SINTRA IV; TÉCNICA MISTA S/ PAPEL (PORMENOR)





*Bernardo Marques*  
BERNARDO MARQUES  
MOMENTOS INADIÁVEIS



SÃO ROQUE







# — A ESSÊNCIA DO DESENHO<sup>1</sup>

por MARINA BAIRRÃO RUIVO

Autor de uma obra multifacetada onde todas as actividades se encadearam de uma forma coerente, personagem extremamente culta e curiosa, sensível e doentamente exigente com o trabalho, Bernardo Marques era acima de tudo e intimamente um grande desenhador, por vocação e especial aptidão. No percurso da prática artística de Bernardo Marques, que abrange o período de 1920 a 1962, é possível descortinar uma evolução inteligível, cujo fio condutor é o seu meio de expressão privilegiado, o desenho. Pela sua especificidade plástica e técnica, pela sua variedade formal e aplicações diversas, os desenhos esclarecem um percurso pessoal marcado por um certo distanciamento, propositadamente alheio a conotações temporais, revelando um sentido muito particular da sua obra.

Bernardo Marques não fez voluntariamente em vida nenhuma exposição individual. As exposições temáticas e retrospectivas que se sucederam depois da sua morte permitiram a confirmação da qualidade e profusão da sua produção artística. A sua obra foi estudada, contextualizada e exposta, permitindo, a cada vez, destacar a sua particularidade e qualidade, quase secreta. Data de 2008 a última vez que nos foi dado a ver alguns dos seus trabalhos, neste mesmo sítio — São Roque, antiguidades e galeria de arte — onde se apresenta agora uma seleção iconográfica que revela o notável percurso plástico do artista. À imagem do autor, trata-se de uma homenagem afectiva e de certo modo discreta, se pensarmos na seleção de obras expostas face ao conjunto da sua produção. Cada exposição permite-nos ver, rever ou descobrir obras que se encontram em colecções particulares e que, por isso, raramente podem ser vistas. Analisando a

obra que nos deixou, hoje, com o apropriado recuo, podemos concluir da sua actualidade e surpreender-nos pela sua sensibilidade e qualidade. Organizada por núcleos temáticos e sem preocupações cronológicas, a exposição procura abranger a multiplicidade de registos.

Quando Bernardo Marques chega à cena artística portuguesa, terminava a década que havia proposto novas vias à arte portuguesa. A cidade de Lisboa, que o acolhe (vindo de Silves de onde era natural) em 1918, tinha voltado à pacatez de outrora, o seu meio artístico e cultural tinha regressado à ordem, terminando assim a década e o esforço de uma “primeira geração” modernista. Bernardo Marques veio para Lisboa para frequentar a Faculdade de Letras que funcionava então no Convento de Jesus, com o Chiado a dois passos e a atração que logo nele exerceu. Bernardo Marques preferiu, na sua opção pela prática do desenho, uma aprendizagem vivencial a uma formação académica, abandonando os estudos em 1921, juntamente com a sua colega de curso Ofélia Marques (1902–1952), pintora modernista que viria a ser sua mulher. Iniciou-se através do desenho humorístico, das caricaturas — de grande riqueza gráfica e decorativa — partilhando com os artistas “novos” da sua geração o desenvolvimento do modernismo, durante a década de vinte. 1920 marca o início de uma carreira, ano em que expõe no 3.º Salão dos Humoristas e que inicia a sua actividade de ilustrador. Era na convivência generosa, boémia e estimulante dos cafés que essa aprendizagem se fazia. Bernardo Marques vai viver, com os outros protagonistas do momento, em cumplicidade, o desenvolvimento do modernismo durante a década de vinte, que corresponde aos anos da sua formação e da sua afirmação.

---

<sup>1</sup> Parte da investigação aqui apresentada foi publicada na obra *Bernardo Marques 1898–1962*. Lisboa: Presença, 1993.

Nos “loucos anos” vinte que simbolizavam o advento da modernidade, Lisboa tradicional, de brandos costumes, na encruzilhada entre a tradição e a novidade, via revolucionados os seus hábitos, assimilando a moda que vinha de fora com as inevitáveis resistências mentais. Assiste-se a uma ascensão da burguesia lisboeta e um novo-riquismo opíparo exibia-se nos *clubs* e nas ruas de Lisboa. De dia era nas ruas e nos cafés que se exibiam poses e comparavam elegâncias, na “zona civilizada” do Chiado e arredores, do Rossio à Avenida da Liberdade. O teatro mantinha o seu papel importante na vida social lisboeta e o cinema traduzia as novas aspirações da cidade, ditando modelos. Mas Lisboa era simultaneamente provinciana e os sinais de cosmopolitismo debatiam-se com uma cidade conservadora. Estes novos comportamentos vão ser protagonizados por uma geração de artistas, “novos” também, sobretudo através das publicações periódicas que representavam, por vezes, o único mercado de trabalho. As revistas, magazines e jornais que surgiram, ou que foram reformuladas nos anos vinte, propunham novos modos de estar e foram, para os artistas portugueses, o lugar certo de divulgação de estereótipos mundanos, onde se ensaiava um léxico modernista. Bernardo Marques e os seus companheiros de geração ilustraram profusamente estas publicações periódicas, largamente consumidas pelo público que se queria contemporâneo, ávido de actualização, de padrões de modernidade e de “civilização”.

As imagens dos magazines não coincidiam com as imagens da realidade lisboeta. Lisboa, povoada de novos-ricos, era uma pequena cidade cheia de campos e lugares híbridos que Bernardo Marques retratou com um misto de ternura e de ironia. Na sua produção desse período encontramos também uma temática popular onde se denota um profundo

entendimento do povo, rural e urbano, visto para além de um simples motivo etnográfico e decorativo. Os anos vinte foram pontuados por exposições individuais de vários artistas que Bernardo Marques, por opção ou temperamento, sempre recusou fazer. Participou, no entanto, na decoração da “Brasileira do Chiado”, respondendo a uma encomenda intermediada por José Pacheko, em 1924 (com Viana, Soares, Barradas, Almada, Stuart e o próprio Pacheko). Bernardo Marques foi-se impondo, discretamente, nas artes plásticas portuguesas, evoluindo através de centenas de desenhos e ilustrações que nestes anos produziu.

No final da década, a elegância vai dar lugar a uma temática mais social, e a estilização gráfica vai ser substituída por um traço mais violento e expressionista. A amargura da sua visão resultou da percepção que foi tendo do desacerto entre a vidinha lisboeta e a vida moderna, para o que terão contribuído as viagens que fez pela Europa. Uma estadia em Berlim em 1929, facultou-lhe novos meios de expressão. Os desenhos e as aguarelas de Berlim são registos de um impiedoso observador da sociedade urbana, resultam do contacto que teve com o expressionismo alemão e reflectem já um certo desencanto e amargura associados a um traço mais violento e expressionista que caracterizaram a produção dos anos que se seguiram. Ao voltar para Lisboa, moldou esta aprendizagem ao contexto lisboeta, estabilizando-se por algum tempo numa impiedosa crítica social, satirizando os tipos de Lisboa pelos anos trinta fora. Os desenhos mais reveladores desta fase não foram feitos para ser publicados. Bernardo Marques teve sempre duas produções paralelas: uma encomendada, a sua actividade de recurso, e outra mais importante e secreta, só revelada após a sua morte. Nos anos trinta a produção de Bernardo Marques, ao nível da ilustração, confina-se quase exclusivamente à sua



colaboração nas revistas de cinema que proliferaram sobretudo nos últimos anos da década de vinte e primeiros de trinta. A influência que o cinema exerceu, o mimetismo que provocou foi explorado com humor, ironia e algum ridículo em inúmeros desenhos de Bernardo Marques.

Estadias por outras terras (Paris, Nova Iorque, São Francisco) condicionaram, de diferentes modos, a linguagem plástica e alimentaram o poder criador do artista. De Paris resultaram desenhos mais poéticos, de registo mais atmosférico. Em 1939, Bernardo Marques é convidado a integrar a equipa de decoradores dos pavilhões portugueses nas Exposições Internacionais de Nova Iorque e S. Francisco. A sua actividade de decorador é indissociável da equipa de António Ferro que, durante vários anos, se empenhou na célebre “campanha do bom gosto”, ao serviço do S.P.N./S.N.I., do regime e da sua “política do espírito”. Da América pós New Deal, Bernardo Marques retrata a vida mundana e superficial.

Depois de várias viagens e experiências plásticas e humanas diversificadas, Bernardo Marques regressa a Lisboa, iniciando um percurso mais solitário e particular. Apurando-se em técnica e solidão, vai passar gradualmente da análise dos homens à análise das coisas e concentrar a sua atenção na paisagem, rural ou urbana. É assim que nasce o paisagista dos anos quarenta. Nesses anos, a sua actividade desdobrou-se entre a ilustração, as artes gráficas e a decoração, colaborando com várias editoras e aceitando encomendas oficiais do S.P.N./S.N.I. Nestes anos, encontramos ainda outro tipo de desenhos, de carácter onírico, simbólico e até surreal. São exemplos pontuais que demonstram o interesse por vários tipos de correntes, sem as explorar, no entanto, até à exaustão. Depois da saturação dos tipos humanos, Bernardo Marques vai transferir a sua atenção para os locais e para as coisas,

revelando um certo desencanto pelos homens. É também na década de quarenta que começa a sistematizar a sua actividade de ilustrador de obras literárias — trabalho especialmente adequado ao seu temperamento —, capista e de artista gráfico, colaborando regularmente com certas editoras (Ática, Inquérito, Bertrand e Guimarães), em originais portugueses e traduções.

Nestes “anos de Ferro” de oficialização do modernismo, das exposições internacionais, do efémero e da decoração, Bernardo Marques conseguiu responder a todo um conjunto de solicitações precisas, ajudado pelas relações de amizade que o uniam a António Ferro e aos seus companheiros de trabalho (em especial a Fred Kradolfer). Dentro da relativa homogeneidade temática da produção plástica, Bernardo Marques respondeu com eficácia a esta “ordem” imposta aos valores estéticos. Mas tal como a desordem de Grosz não lhe conviera, esta ordem de agora não podia deixar de lhe ser alheia. A data do afastamento de Ferro, em 1950, coincide no tempo com a ruptura que o surrealismo implicou. Bernardo Marques, que também a ele foi alheio, estava já concentrado na paisagem, num percurso solitário.

Na década de 50 volta ao desenho como actividade autónoma, de carácter íntimo, centrando-se essencialmente na análise da paisagem urbana e rural. Esta última fase, que culminou com a sua morte, voluntária, em 1962, corresponde à mais íntima e é acompanhada, tecnicamente, por importantes variações de registos, cada vez mais atmosféricos. É em Lisboa, a sua cidade de eleição, que uma mudança visível do relacionamento com o que rodeia vai ter lugar. A necessidade de distanciamento leva-o a alhear-se do contexto vivencial da cidade e preferir uma abordagem romântica. As pessoas tornaram-se apontamentos breves, formas aéreas e ligeiras, e

são remetidas para segundo plano. A relação do artista com a cidade torna-se intemporal. Abstraída a figura humana, é o tempo como qualidade física das coisas que Bernardo Marques capta. Mas esta relação de amor (com Lisboa), quase físico, também desilude e desencanta como todo o amor. Desinteressado dos homens, Bernardo Marques transferiu para a paisagem uma atenção cada vez mais selectiva e depurada.

De desenhador da cidade Bernardo Marques vai tornar-se pintor do campo. Percorreu o país de norte a sul, numa ânsia de ao mesmo tempo conhecer toda a terra portuguesa e de encontrar, quando lhe apetecia, o isolamento e a distância que procurava. Marão, Urgeiriça, Abrunhosa, foram locais que o estimularam e onde se refugiava regularmente a partir do início dos anos cinquenta. Em 1953, Bernardo Marques adquiriu uma casa de fim-de-semana na Eugaria, o “Casal da Serrana”, perto de Sintra, antiga propriedade de Alfredo Keil. A Eugaria e os seus arredores tinham especialmente a ver com o gosto e a sensibilidade do desenhador e deram um especial significado à sua obra. Outros locais, outras errâncias afectivas, são identificáveis nos seus desenhos: Beira Alta, Nazaré, Alentejo, e o seu Algarve Natal são também pretexto para uma riquíssima e constante experimentação plástica, num percurso que faz sentido do desenho para a pintura.

Estas errâncias afectivas são pretextos para uma riquíssima e constante experimentação plástica. Mais sensível a valores como a forma, os volumes e a luz, os seus desenhos tornam-se mais sintéticos e depurados e transmitem uma impressão de calma e de recolhimento. A delicada caligrafia de signos, em que predomina a tinta-da-china, como que aprisiona a essência da paisagem através de uma sobreposição de linhas e da vibração colorística do preto e branco. Os desenhos de Bernardo Marques, pelo efeito pictórico e pelo poder sugestivo

da escrita, do colorido, da luz e da construção dos volumes, misturam-se com as qualidades da pintura e dela se tornam indissociáveis. O desenho terá sido para Bernardo Marques a pura manifestação do seu desejo de pintar, mais do que as aguarelas que resultam sempre como meros substitutos. A cor aparece nas aguarelas de paisagem onde não há violências de tonalidades, antes equilíbrio cromático, mas o desenho foi, sem dúvida, a sua possibilidade maior — também de se aproximar da pintura.

Analisando a obra que nos deixou, hoje, com o apropriado recuo, podemos concluir da sua actualidade. Personagem extremamente culta e curiosa, sensível e doentamente exigente com o trabalho, Bernardo Marques superava-se constantemente para imediatamente se impor outra meta. Foi um problema sem solução, mas os desenhos que ficaram têm uma qualidade e autenticidade que lhe garantem perenidade e lhe atestam o estatuto de grande desenhador. A sua obra tem uma qualidade genuinamente portuguesa que se constata na forma como interpretou a nossa paisagem rural e urbana, os nossos tipos e costumes, e a cidade de Lisboa, a sua atmosfera, a sua paisagem física e humana. O seu temperamento não coincidia com as formas estéticas do seu tempo, que ignorou propositadamente, preferindo um percurso íntimo e pessoal. Opção sincera e legítima, não invalida que os desenhos revelem sempre uma actualidade e um forte sentido de modernidade. A actualidade de Bernardo Marques vive através dos desenhos que, vistos e revistos, mantêm esse efeito de descoberta e de fascínio.

Lisboa, Janeiro de 2020



# — O RISCO INADIÁVEL DE BERNARDO MARQUES

por SÍLVIA CHICÓ

O *Risco Inadiável* foi um termo criado por Lagoa Henriques, que deu origem a título de exposição e a uma série de programas pedagógicos para a televisão. Lagoa Henriques, queria referir que para um desenhador, não riscar, não desenhar, seria algo de tão difícil como não respirar. Lagoa Henriques desenhador e escultor, assim se definia afinal, como artista que precisa de se exprimir constantemente pelo desenho, que não pode deixar de o fazer, como se o desenhar fizesse parte integrante da sua natureza. Bernardo Marques cabe nesta categoria de artistas; para ele também o desenho foi algo de inadiável.

O desenho existe em múltiplas actividades: é preparatório de estudos, é inerente ao homem desde as primeiras manifestações artísticas. E é também um modo de estudar e analisar a realidade. Le Corbusier dizia que foi graças a ter desenhado toda uma série de obras de arquitectura que as pôde estudar e apreender. Se apenas as tivesse fotografado, a análise das obras em questão não seria tão completa, tão nítida, o conhecimento delas seria menor. Passando ao lado do manancial conotativo que o conceito de desenho contém, podemos dizer que, como fim e centro do processo artístico, permanece, apesar de tudo algo raro, por poucos serem os artistas que apenas desenhavam.

Bernardo Marques foi um desses raros artistas cuja obra de maturidade é constituída pelo desenho. Sabemos pelas pinturas que produziu, que possuía um raro sentido cromático, a sua pintura poderia ter-se desenvolvido de modo espectacular, a sua sensibilidade à cor assim o demonstra. Por razões de saúde, viu-se obrigado a evitar a toxicidade das tintas. Não teve, a partir dessa altura, outra opção senão usar a tinta-da-china e a grafite e exprimir-se predominantemente a preto e branco.

Diz-se que, para um escritor, o jornalismo é uma grande escola porque obriga a uma síntese que mais tarde vai servir

a literatura. Para um desenhador, ou melhor, para um artista que escolhe o desenho como técnica de expressão principal, a prática da ilustração, da caricatura e mesmo do desenho projectual são úteis no desenvolvimento e aquisição de uma linguagem própria. Cedo Bernardo Marques encontrou o seu modo particular de desenhar. A sua versatilidade foi convocada pela natureza das suas múltiplas encomendas, pelo facto de ter de criar um modo de vida no domínio das artes plásticas, contrariando assim o desígnio de seus pais que o queriam doutor em letras. Foi pela prática e pelo muito trabalho, que o artista sedimentou o seu estilo. A cultura literária que possuía facilitou-lhe a invocação de ambientes e criação de personagens que bem conhecia literariamente. O seu encontro com Eça é felicíssimo, existe nos dois autores algo de comum. A sintonia encontrou-se facilmente, afinal foi também um encontro de olhares. A Lisboa de Eça está, e estaria de qualquer modo, na obra de Bernardo Marques. São dois autores que não escapam ao fascínio da cidade, da sua luz clara, que suscita o desenho nítido de tudo quanto nela existe. E como representar, aludir a uma cena, a um registo cromático por exemplo de uma cidade? Como, se a cor não pode ser usada? Bernardo Marques é talvez o único artista que consegue colorir sem usar a cor. Com traço típico do seu desenho elabora uma organização de signos. E o que é o signo senão uma síntese? O que é um ideograma senão uma operação de síntese, como tão bem se pode ver na escrita chinesa? Tal como raros escultores que com um só gesto são capazes de retratar alguém, Bernardo Marques produz um traço-escrita que lhe possibilita captar a realidade, porque esse é, afinal e sempre, o seu grande desafio. Sem nada de clássico ou académico, Bernardo Marques propõe-se ao mesmo e eterno desafio de centenas de artistas desde





que a arte existe. Porque a grande questão no desenho de paisagens de Bernardo Marques é, acima de tudo, representar. E representar não quer dizer obter uma imagem verista do que se vê. Ele tanto representa a forma de uma árvore, de um campo, como a atmosfera particular da paisagem. Pode de facto falar-se de desenho atmosférico na obra do artista, o que é notável quando o desenho é feito apenas a preto e branco. Representar a paisagem, dizer muito sobre si próprio através da paisagem, é algo que também está patente na obra de Bernardo Marques. Falou-se, a propósito da sua obra, de afectividade e inevitavelmente de Romantismo. Sente-se claramente que a paisagem na obra do artista não é mero instrumento de análise e muito menos exercício académico. Existe uma identificação com os lugares, adivinha-se um claro prazer no olhar do artista sobre os lugares que representa. Pode imaginar-se uma espécie de diário gráfico, contando o agrado que certas vistas provocaram, como se o autor estivesse a dizer-nos: aqui eu vi e vivi bem, capto estas imagens para minha memória, relato o profundo prazer que foi estar a olhá-las e apropriar-me delas nos meus desenhos.

Há quem identifique a fase paisagista de Bernardo Marques como uma fase de melancólico distanciamento da realidade social, tema anteriormente eleito por si, uma espécie de retiro, de testemunho silencioso de alguém que se recolhe e vira costas à sociedade.

Pode-se também pensar na hipótese contrária: pode ter acontecido nos últimos anos de vida do artista que ele tivesse considerado que finalmente podia desenvolver livremente um tipo de arte que lhe apetecia expandir. Aplicando nessa fase todo o conhecimento dado pela muita experiência, sem a qual a sua caligrafia nunca poderia fluir tão livremente, sendo tão coisa própria, a escrita que levava uma vida a inventar.

Intemporal é a arte de Bernardo Marques e muitas vezes será revisitada. Se pensarmos que um dos expoentes máximos da actual pintura portuguesa é João Queiroz, com a sua pessoalíssima pintura paisagística, verificamos que um artista, ou mesmo um escritor, pode possuir uma relação com a paisagem capaz de despoletar todo um processo criativo. Os resquícios de um Romantismo tardio e a pintura burguesa do século XIX remeteram a paisagem para uma categoria menor, coisa de pintor amador.

É notável a independência de Bernardo Marques relativa ao tempo em que produziu a sua obra.

Obra que vemos hoje como se tivesse sido feita agora.

Lisboa, Janeiro de 2020

# — BERNARDO MARQUES (1898 – 1962)

## BIOGRAFIA

Natural de Silves, onde nasce em 1898 (m. Lisboa 1962) no seio de uma família abastada, Bernardo Loureiro Marques vem para Lisboa em 1918 para frequentar a Faculdade de Letras. Abandona o curso em 1921 e opta pela carreira artística. Desenhador, ilustrador, capista, publicitário, decorador, cenógrafo, figurinista e gráfico, a sua obra, vasta e multifacetada, confere-lhe um lugar de destaque na arte portuguesa contemporânea. Expõe colectivamente desde 1920 (III Exposição dos Humoristas portugueses), mas só após a sua morte a sua obra será mostrada individualmente. Condecorado com o grau de Oficial da Ordem de Sant'Iago da Espada (1941), a sua obra foi várias vezes premiada: 1955, Prémio de Desenho, Exposição Iconográfica das Pescas; 1957, Prémios de Aguarela e Desenho, I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian; 1958, Prémio especial de Pintura, III Exposição de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Almada.

Como quase todos os artistas da segunda geração dos modernistas, é no campo da caricatura e ilustração que desenvolve obra inicial e encontra mercado. Em 1920, inicia a sua actividade de ilustrador com desenhos humorísticos e colabora intensamente nas principais publicações periódicas da época, com uma abundante produção entre o mundano e o popular: *ABC, Ilustração Portuguesa, ABC a Rir, O Século, A Batalha, Diário de Lisboa, Contemporânea, Revista Portuguesa, Europa, Diário de Notícias* (onde publica de 1925 a 1929 a crónica ilustrada "Os Domingos de Lisboa"), *Ilustração, Sempre Fixe, Civilização*, e nas revistas de cinema *Imagem, Kino e Girasol*. Em 1924 recebe (com Viana, Pacheko, Stuart, Almada, Barradas e Soares) a encomenda da decoração do café *A Brasileira do Chiado*, um friso decorativo, que foi exposto, tal como as restantes obras, no I Salão de Outono na Sociedade Nacional de Belas-Artes em 1925.

Uma estadia em Berlim, em 1929, aguça-lhe a percepção da estagnação da vida artística em Portugal e permite-lhe o contacto com o expressionismo alemão, com a obra de George Grosz em particular. Os desenhos e as aguarelas de Berlim são registos de um impiedoso observador da sociedade urbana, e reflectem já um certo desencanto e amargura associados a um traço mais violento e expressionista que caracterizam a produção dos anos que se seguem. Expõe obras desse período no I Salão dos Independentes (1930). Participa ainda no II Salão dos Independentes (1931) e no I Salão de Inverno da SNBA (1932). Na década de 1930 estuda artes gráficas em Paris

(1934), cria, Com Keil do Amaral, os cenários do filme *O Trevo de Quatro Folhas* (1936) de Chianca de Garcia e integra a equipa de António Ferro, responsável pela decoração dos Pavilhões Portugueses da Exposição Colonial Internacional de Vincennes (1932), da Exposição Internacional de Paris (1937), de Nova Iorque e de S. Francisco (1939) e do Pavilhão da Colonização da Exposição do Mundo Português (1940).

Apurando-se em técnica, vai, melancolicamente, passar gradualmente da análise dos homens à análise das coisas e concentrar a sua atenção na paisagem, rural ou urbana. Os anos de 1940 sublinham um percurso profissional de sucesso, entre a criação de cenários e figurinos (*Bailado Verde Gaio*, 1940), a decoração (paquetes *Vera Cruz*, 1949 e *Santa Maria*, 1951), a publicidade, a ilustração e as artes gráficas, colaborando com várias editoras e aceitando encomendas oficiais do S.P.N./S.N.I. Assegura também a direcção artística da Editorial Ática (1947) e das revistas *Panorama* (1941–1949) e *Litoral* (1944–1945) e colabora na revista *Atlântico* (1942–1945). Assume também a direcção gráfica da revista *Colóquio* (1959–1962). Entre 1949 e 1950, é responsável pela equipa de decoradores das Feiras das Indústrias Portuguesas. Representa Portugal na bienal *Bianco e Nero* em 1952 e integra a exposição comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo em 1954.

A partir de 1948, volta ao desenho como actividade autónoma, centrando-se na análise da paisagem, em espaços de solidão, despovoados. Ignorando as formas estéticas que surgiam, Bernardo Marques assumiu uma postura simultaneamente sensível e distanciada, transferindo para a paisagem o seu espaço de intimidade. O percurso que se isola e se matura no silêncio da paisagem, alheio a correntes plásticas e ideológicas, confere-lhe um certo sentido de liberdade e de independência. Contemporâneo da segunda geração modernista, Bernardo Marques participou activamente na difusão do gosto moderno, sem por isso prescindir de formas de expressão muito pessoais. Foi acima de tudo um grande desenhador.



# — BERNARDO MARQUES

## EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS PÓSTUMAS

- *Bernardo Marques, Obras de 1950 a 1960*  
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1966.
- *Bernardo Marques*  
Liceu de Faro, Faro 1968.
- *Bernardo Marques 1898/1962*  
Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Palácio Foz, Lisboa e Museu Soares dos Reis, Porto 1969.
- *Bernardo Marques*  
Museu de Arte Moderna, Madrid 1970.
- *Bernardo Marques*  
Galeria São Mamede, Lisboa / Porto 1973.
- *Bernardo Marques*  
Galeria Dinastia, Lisboa / Porto 1973.
- *Bernardo Marques*  
Palácio de Vila Viçosa, Vila Viçosa 1975.
- *Vila Viçosa vista por Bernardo Marques*  
Museu-Biblioteca de Vila Viçosa, Vila Viçosa 1975.
- *A Terra e o Mar*  
Fundação Calouste Gulbenkian, Exposição Itinerante 1976–1980.
- *Bernardo Marques*  
Düsseldorf, Alemanha 1981.
- *Bernardo Marques*  
Galeria Dinastia, Lisboa 1981.
- *Bernardo Marques: Période 1934–1962*  
Centre Culturel Portugais, FCG, Paris 1982.
- *Bernardo Marques: Desenho e Ilustração, Anos 20 e 30*  
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1982.
- *Bernardo Marques*  
Casa de Ramalde, FCG/MC, Porto 1983.
- *Bernardo Marques: A Entrega de Um Olhar*  
Galeria de Colares, Colares 1987.
- *Bernardo Marques*  
Centro de Arte Moderna, FCG, Lisboa.  
Fundação de Serralves, Porto 1989.
- *Bernardo Marques*  
Casa Garden, Fundação Oriente, Macau 1991.
- *Sintra e Outros Lugares na Obra de Bernardo Marques*  
Galeria de Colares, Colares 1995.
- *Bernardo Marques*  
Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa 1998.
- *Bernardo Marques — 1898–1998 — Obra Gráfica*  
Centro de Arte Moderna, FCG, Lisboa 1998.
- *Bernardo Marques – Paisagens*  
Centro de Arte Moderna, FCG, Lisboa 2002.
- *Bernardo Marques De Museu*  
Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa 2003.
- *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*  
Galeria São Roque, Lisboa 2008.

## ILUSTRAÇÕES (SELECÇÃO)

- “Os Que Se Divertem” de Luzia, 3ª edição;
- “O Fado, Canção de Vencidos” de Luís Moita, ed. 1936;
- “O Homem das Barbas” de Manuel Lima, ed. 1944;
- “O Malhadinhas” de Aquilino Ribeiro, ed. 1946;
- “La Dernière des Amazones” de George Raeders;
- Contos de Eça de Queiroz e “Os Maias”;
- “Pedro de Manuel Mendes”, ed. 1954;
- “Platero e Eu” de Ramon Giménez, ed. 1955;
- “Lisboa” de Luís Teixeira, ed. 1955;
- “O Velho e o Mar” de Hemingway, ed. 1956;
- “Estrada de Santiago” de Aquilino Ribeiro, ed. 1956;
- “Portugal – Oito Séculos de História ao Serviço da Valorização do Homem e da Aproximação dos Povos”, ed. 1958;
- “Crónica dos Caminhos-de-ferro em Portugal” de Luís Teixeira;
- “Aquarelas do Comandante Pinto Bastos”;
- “História da Poesia Portuguesa” de João Gaspar Simões;
- “O Algarve na Obra de Teixeira-Gomes”, ed. 1962;
- “O livro de Cesário Verde” ed. 1964;
- Capas de livros das editoras Inquérito, Estúdio Cor, Guimarães Editora e Livros Brasil.





01. ATELIER DA RUA DA PALMEIRA – LISBOA

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 27,0 × 34,5 cm

ATELIER DA RUA DA PALMEIRA – LISBOA

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 27.0 × 34.5 cm

---

— Coleção da família do artista. / Artist's family collection.

Figurou em: / Exhibited at:

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 47).



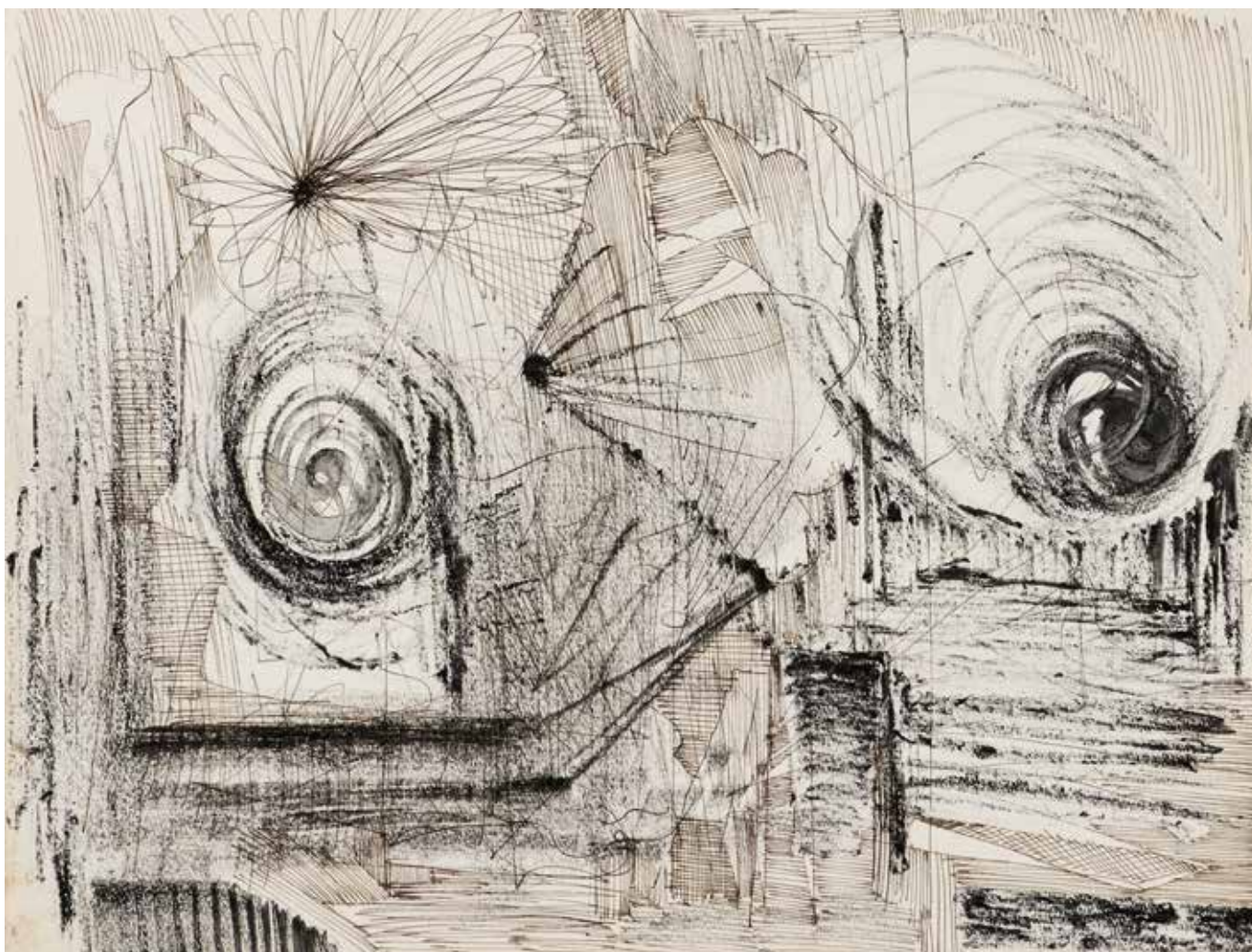


**02. ATELIER**

Lápis litográfico e tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 21,0 x 30,0 cm  
D1443

**ATELIER**

Lithographic pencil and indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 21.0 x 30.0 cm



**03. SEM TÍTULO**

Técnica mista s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 24,0 × 32,0 cm  
D1454

**UNTITLED**

Mixed media on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 24.0 × 32.0 cm

---

*Figurou em: / Exhibited at:*

— *Bernardo Marques 1898–1962, MNAC, Lisboa 1998, (cat. n.º 112).*





04. JARDIM DA RUA DA PALMEIRA – LISBOA

Lápis litográfico e tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 38,8 × 49,0 cm  
D432

JARDIM DA RUA DA PALMEIRA – LISBOA

Lithographic pencil and indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 38.8 × 49.0 cm

— Coleção particular. / Private collection.

Figurou em: / Exhibited at:

- Bernardo Marques 1899–1962, SEIT, Palácio Foz, Lisboa 1969 (cat. n.º 193).
- Bernardo Marques, CAM/FCG, Lisboa 1989 (cat. n.º 209).
- Bernardo Marques, Fundação Oriente, Macau 1991 (cat. n.º 91).
- Bernardo Marques 1898–1962, MNAC, Lisboa 1998 (cat. n.º 130).
- Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 09).





**05. IGREJA DE SANTA CATARINA – LISBOA, 1955**

Lápis litográfico s/ papel  
Não assinado; datado no verso  
Dim.: 31,7 × 24,8 cm  
D429

**IGREJA DE SANTA CATARINA – LISBOA, 1955**

Lithographic pencil on paper  
Unsigned; dated on the reverse  
Dim.: 31.7 × 24.8 cm

---

— *Autenticado no verso por: / Authenticated on the reverse by:* Maria do Rosário Marques

*Figurou em: / Exhibited at:*

- *Bernardo Marques: Période 1934–1962*, CCP/FCG, Paris 1982 (cat. n.º 70).
- *Quatro Olhares Sobre a Cidade*, FASVS, Lisboa 1997.
- *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 06).



06. VARANDA – LISBOA

Tinta-da-china s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 23,3 × 29,4 cm  
D428

VARANDA – LISBOA

Indian-ink on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 23,3 × 29,4 cm

---

— Autenticado por: / Authenticated by: Maria do Rosário Marques

Figurou em: / Exhibited at:

— Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 05).





07. RESTAURADORES – LISBOA, 1958

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.e.; datado no verso  
Dim.: 23,0 × 29,0 cm  
D1434

RESTAURADORES – LISBOA, 1958

Indian-ink on paper  
Signed; dated on the reverse  
Dim.: 23,0 × 29,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

— MOURÃO-FERREIRA, David, *Saudades de Lisboa*, Lisboa 1967, p. 142.





08. JARDIM DA ESTRELA – LISBOA

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 22,8 × 29,8 cm  
D927

JARDIM DA ESTRELA – LISBOA

Indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 22.8 × 29.8 cm

Figurou em: / Exhibited at:

— Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa 1981 (cat. n.º 18).



09. BASÍLICA DA ESTRELA – LISBOA

Sépia s/ papel

Assinado c.i.d.; não datado

Dim.: 23,2 × 31,9 cm

D1435

BASÍLICA DA ESTRELA – LISBOA

Sepia on paper

Signed; undated

Dim.: 23.2 × 31.9 cm





10. LISBOA I

Sépia s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 23,3 x 29,7 cm  
D710  
Anotado: *Tejo* c.i.d.

LISBOA I

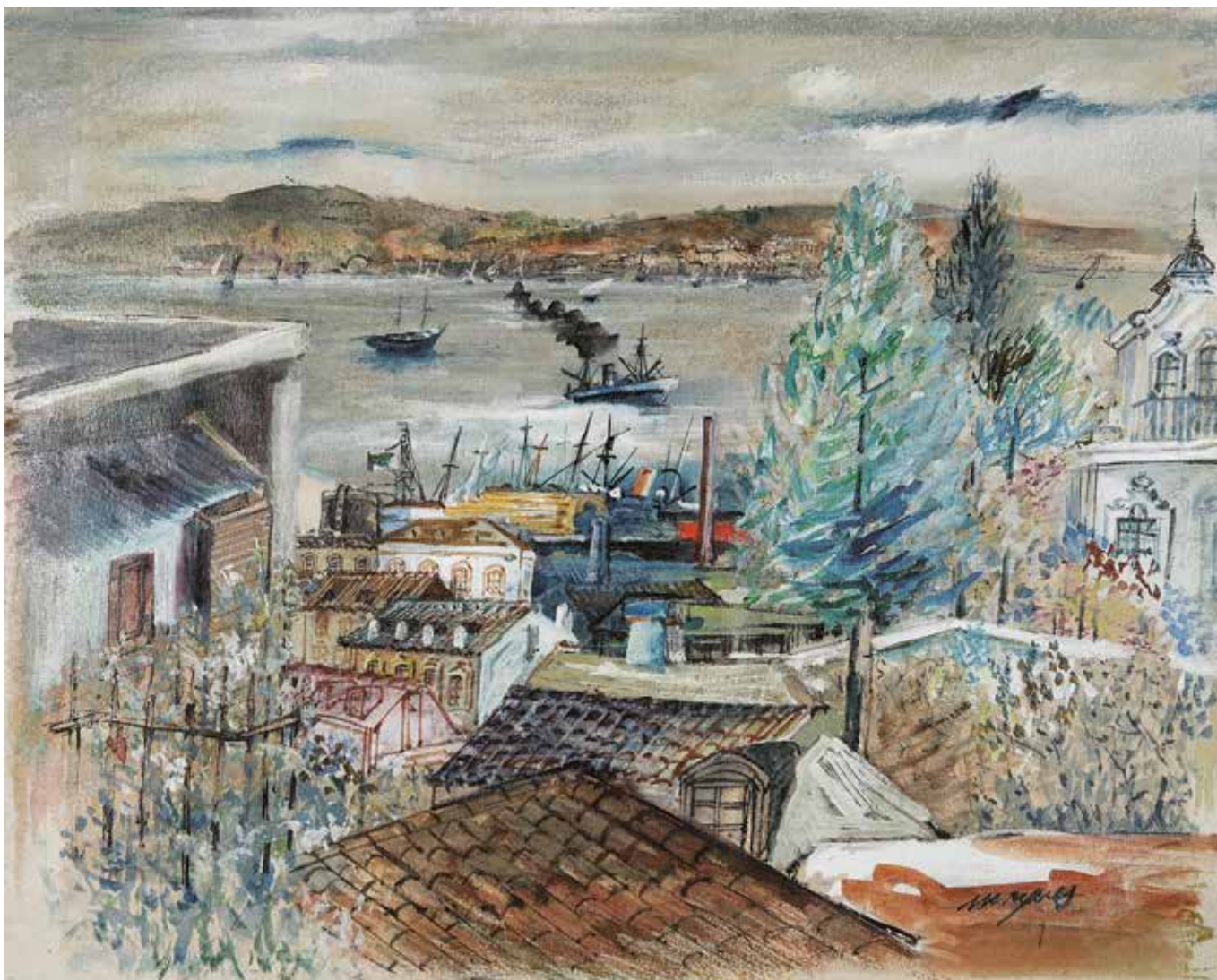
Sepia on paper  
Signed; undated  
Dim.: 23.3 × 29.7 cm

Annotated: *Tejo*

*Figurou em: / Exhibited at:*

— *Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa 1981 (cat. n.º 13).*





11. LISBOA II

Guache s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 27,2 × 34,7 cm  
D636

LISBOA II

Gouache on paper  
Signed; undated  
Dim.: 27.2 × 34.7 cm



12. LISBOA (?), ALGARVE (?)  
Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 27,2 × 35,0 cm  
D1436

LISBOA (?), ALGARVE (?)  
Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 27.2 × 35.0 cm





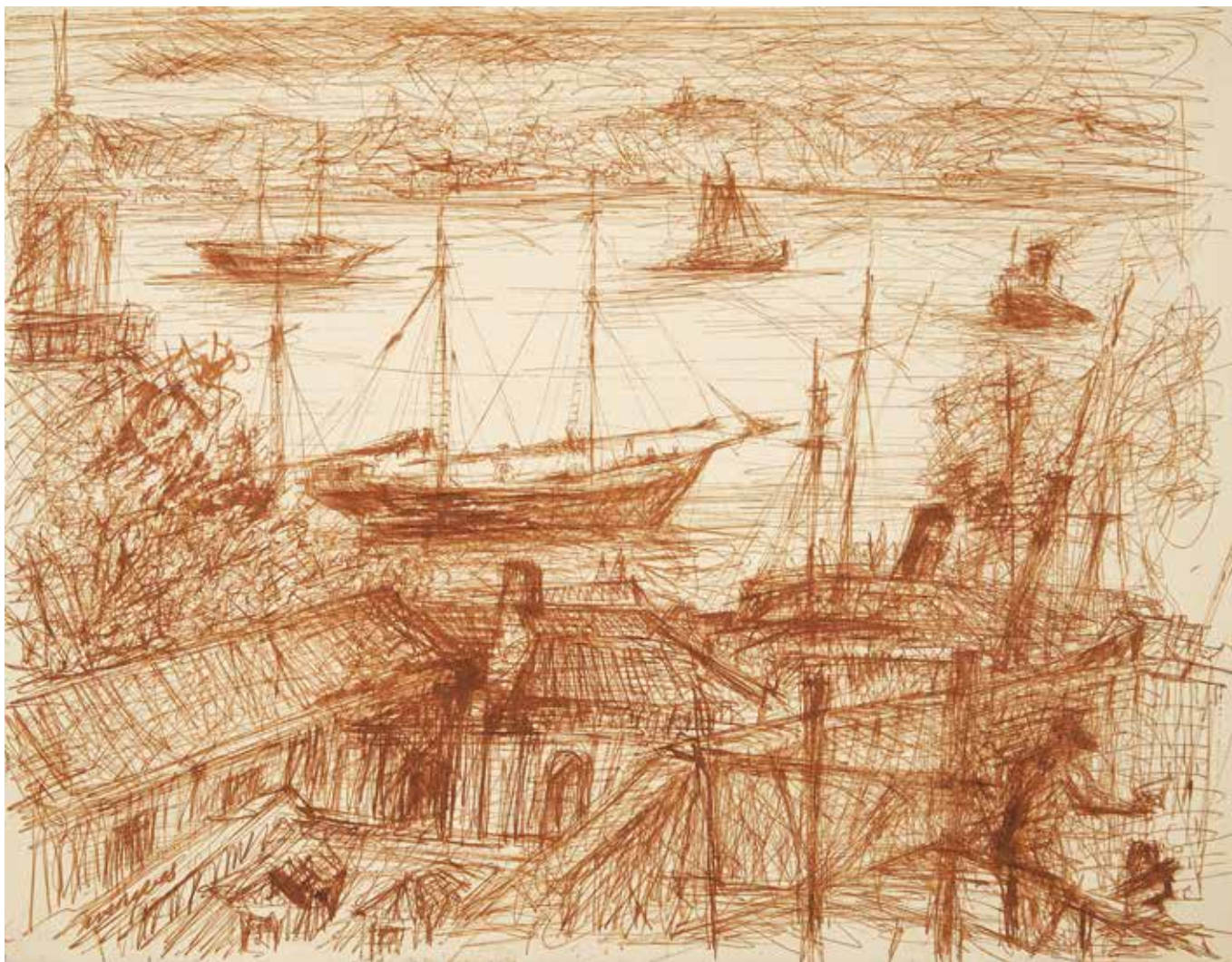
13. LISBOA IV

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 25,0 × 32,3 cm  
D760

LISBOA IV

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 25,0 × 32,3 cm





14. TEJO - LISBOA I

Sépia s/ papel

Assinado c.i.e.; não datado

Dim.: 23,2 × 29,6 cm

D1437

TEJO - LISBOA I

Sepia on paper

Signed; undated

Dim.: 23.2 × 29.6 cm





15. TEJO – LISBOA II

Sépia s/ papel

Assinado c.i.d.; não datado

Dim.: 23,2 × 29,6 cm

D698

TEJO – LISBOA II

Sepia on paper

Signed; undated

Dim.: 23.2 × 29.6 cm

---

Figurou em: / Exhibited at:

— Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa 1981 (cat. n.º 5).

Reproduzido em: / Illustrated in:

— MOURÃO-FERREIRA, David, *Saudades de Lisboa*, Lisboa 1967, p. 112.





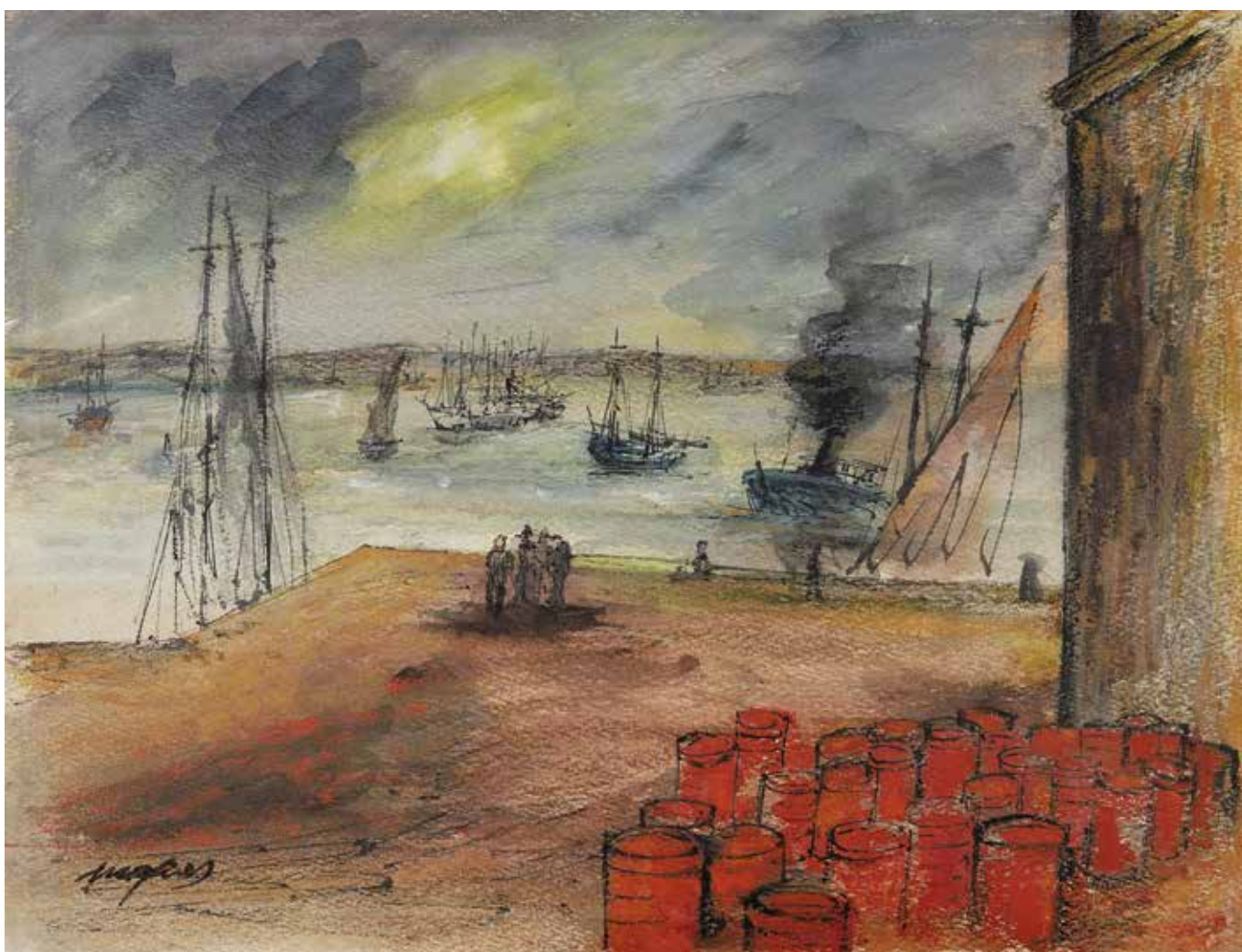
16. BARCOS NO TEJO – LISBOA

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 25,8 × 33,4 cm  
D1438

BARCOS NO TEJO – LISBOA

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 25.8 × 33.4 cm





17. CAIS NO TEJO – LISBOA

Técnica mista

Assinado c.i.e.; não datado

Dim.: 32,0 × 41,7 cm

D944

CAIS NO TEJO – LISBOA

Mixed media

Signed; undated

Dim.: 32.0 × 41.7 cm



**18. VISTA DA PENA – SINTRA**

Lápis litográfico e tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 33,5 × 40,0 cm  
D1439

**VISTA DA PENA – SINTRA**

Lithographic pencil and indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 33.5 × 40.0 cm

---

Reproduzido em: / Illustrated in:

— PAES, Sellés, *Artistas do Século XX: Bernardo Marques*, Editorial Notícias, Lisboa, p. 17.





**19. SINTRA II**

Sépia e tinta-da-china s/ papel

Assinado c.i.d.; não datado

Dim.: 19,8 × 26,5 cm

D1460

Anotado: *Sintra* c.i.d.

**SINTRA II**

Sepia and indian-ink on paper

Signed; undated

Dim.: 19.8 × 26.5 cm

Annotated: *Sintra*



20. SINTRA III

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 24,4 × 32,1 cm  
D1316  
Anotado: *Sintra* c.i.e.

SINTRA III

Indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 24.4 × 32.1 cm

Annotated: *Sintra*





21. SINTRA IV

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 24,6 × 32,0 cm  
D761

SINTRA IV

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 24.6 × 32.0 cm



**22. COLARES**

Lápis litográfico s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 33,5 × 43,5 cm  
D1440

**COLARES**

Lithographic pencil on paper  
Signed; undated  
Dim.: 33.5 × 43.5 cm

---

*Figurou em: / Exhibited at:*

- *Bernardo Marques 1899–1962*, SEIT, Palácio Foz, Lisboa 1969 (cat. n.º 241).
- *Bernardo Marques, G. Dinastia*, Lisboa/Porto 1973 (cat. n.º 12).
- *Bernardo Marques, G. Dinastia*, Lisboa 1981 (cat. n.º 24).





**23. PAISAGEM – COLARES**

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 26,0 × 28,0 cm  
D435

Anotado: *Colares* c.i.e.  
No verso: *Anos 50*

**PAISAGEM – COLARES**

Indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 26.0 × 28.0 cm

Annotated: *Colares*  
On the reverse: *Anos 50*

---

Figurou em: / Exhibited at:

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 18).



**24A. CASAL DA SERRANA – EUGARIA, 1954**

Sépia s/ papel

Assinado c.s.e.; datado “Agosto 1954” c.i.d.

Dim.: 19,0 × 23,0 cm

**CASAL DA SERRANA – EUGARIA, 1954**

Sepia on paper

Signed; dated “Agosto 1954”

Dim.: 19,0 × 23,0 cm

Anotado: / Annotated: *Primeiro fim-de-semana no Casal da Serrana B. Marques, c.s.e. e/ and Um bate-papo amistoso com a Sra. Capitolina, Casal da Serrana Eugaria, Agosto 1954, c.i.d.*

No verso:

**PRAIA DAS MAÇÃS, 1954**

Sépia s/ papel

On the reverse:

**PRAIA DAS MAÇÃS, 1954**

Sepia on paper

Anotado: / Annotated: *Maças, Turismo Eugarístico, Agosto 1954*

---

— Coleção particular. / Private collection.

Figurou em: / Exhibited at:

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 11).





**24B. CASAL DA SERRANA – EUGARIA**

Sépia s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 23,0 × 19,0 cm

**CASAL DA SERRANA – EUGARIA**

Sepia on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 23.0 × 19.0 cm



No verso:

**A CAMINHO DO ESTORIL, 1954**

Sépia s/ papel

On the reverse:

**A CAMINHO DO ESTORIL, 1954**

Sepia on paper

Anotado: / Annotated: *Volta da Eugaria a caminho do Estoril, Agosto 54*

---

— Coleção particular. / Private collection.

*Figurou em: / Exhibited at:*

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 13).



25. EUGARIA I

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 42,0 × 56,8 cm  
D1455

EUGARIA I

Indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 42.0 × 56.8 cm

---

*Figurou em: / Exhibited at:*

- *Bernardo Marques*, CAM / FCG / Fundação de Serralves, Lisboa / Porto 1989 (cat. n.º 223).
- *Bernardo Marques*, Obras de 1950 a 1960, FCG, Lisboa 1966 (cat. s/ n.º).

*Reproduzido em: / Illustrated in:*

- RUIVO, Marina Bairrão, *Bernardo Marques 1898–1962*, Editorial Presença, Lisboa 1993, p. 174.





26. **EUGARIA II**

Guache s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 45,0 × 64,0 cm

**EUGARIA II**

Gouache on paper  
Signed; undated  
Dim.: 45.0 × 64.0 cm

---

— Coleção da família do artista. / Artist's family collection.

*Figurou em: / Exhibited at:*

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 13).



27. AZENHAS DO MAR

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 26,5 × 34,0 cm  
D1441

AZENHAS DO MAR

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 26.5 × 34.0 cm





28. MARÃO

Sépia s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 24,3 × 31,5 cm  
D436  
Anotado: *Marão* c.i.e.

MARÃO

Sepia on paper  
Signed; undated  
Dim.: 24.3 × 31.5 cm

Annotated: *Marão*

---

— Ex-colecção da família do artista. / Former artist's family collection.

Figurou em: / Exhibited at:

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 25).



29. MARÃO

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 23,2 × 27,8 cm  
D1442  
Anotado: *Marão*

MARÃO

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 23.2 × 27.8 cm

Annotated: *Marão*

Figurou em: / Exhibited at:

— *Sintra e outros lugares na obra de Bernardo Marques*, G. Colares, Sintra, 1995 (cat. n.º 18).





30. **MARÃO**

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 23,4 × 27,0 cm  
D637  
Anotado: *Marão* c.i.d.

**MARÃO**

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 23.4 × 27.0 cm

Annotated: *Marão*



31. PAISAGEM – BEIRA (?)

Tinta-da-china s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 29,5 × 23,5 cm  
D442

PAISAGEM – BEIRA (?)

Indian-ink on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 29.5 × 23.5 cm

---

— Autenticado no verso por: / Authenticated on the reverse by: Maria Elisa Marques

Figurou em: / Exhibited at:

— *Bernardo Marques de Museu*, G. João Esteves de Oliveira, Lisboa 2003 (cat. p. 28).

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 33).





### 32. NAZARÉ

Lápis litográfico e tinta-da-china s/ papel

Assinado c.i.d.; não datado

Dim.: 33,3 × 25,0 cm

D925

Anotado: *Nazaré* c.i.e.

### NAZARÉ

Lithographic pencil and indian-ink on paper

Signed; undated

Dim.: 33.3 × 25.0 cm

Annotated: *Nazaré*

---

*Figurou em: / Exhibited at:*

— *Bernardo Marques 1899–1962*, SEIT, Palácio Foz, Lisboa 1969 (cat. n.º 26).

— *Bernardo Marques*, G. Dinastia, Lisboa 1981 (capa cat.).

*Reproduzido em: / Illustrated in:*

— PAES, Sellés, *Artistas do Século XX: Bernardo Marques*, Editorial Notícias, Lisboa p. 26.



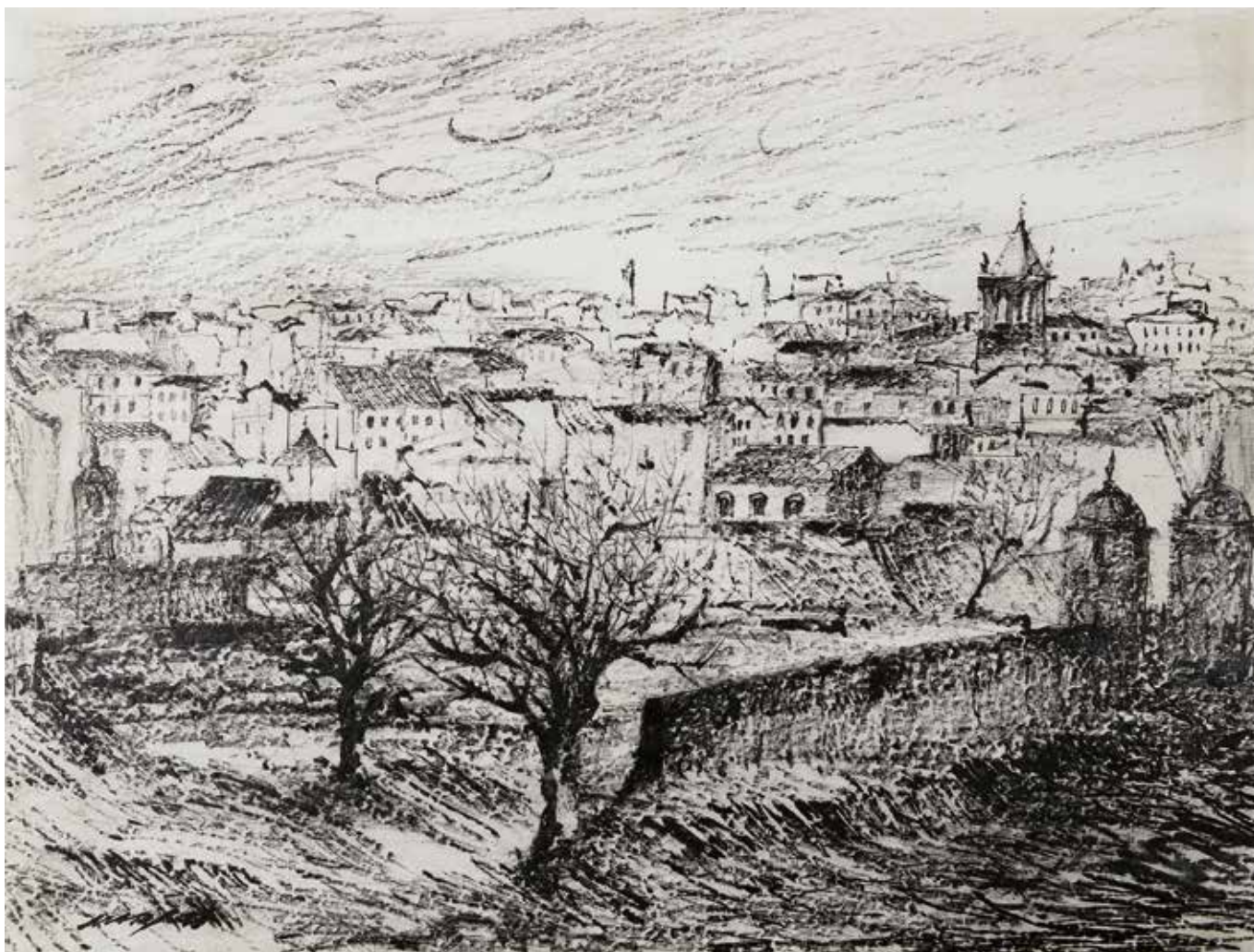
**33. BEIRA-ALTA**

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 40,0 × 55,5 cm  
D1176

**BEIRA-ALTA**

Indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 40.0 × 55.5 cm





34. ELVAS

Lápis litográfico s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 27,8 × 36,8 cm  
D1444

ELVAS

Lithographic pencil on paper  
Signed; undated  
Dim.: 27.8 × 36.8 cm



35. ALENTEJO

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 25,8 × 30,6 cm  
D1449

ALENTEJO

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 25.8 × 30.6 cm





36. ALENTEJO

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 27,7 × 33,4 cm  
D1448

ALENTEJO

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 27.7 × 33.4 cm



37. FONTE – VILA VIÇOSA

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 29,6 × 39,5 cm  
D1446

FONTE – VILA VIÇOSA

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 29.6 × 39.5 cm

---

— Ex-coleção da família do artista. / Former artist's family collection.

Figurou em: / Exhibited at:

— Vila Viçosa vista por Bernardo Marques, Museu-Biblioteca, Vila Viçosa 1975 (cat. n.º 2).





**38. CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO – VILA VIÇOSA**

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 29,8 × 36,4 cm  
D1447

**CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO – VILA VIÇOSA**

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 29.8 × 36.4 cm

---

*Figurou em: / Exhibited at:*

— Vila Viçosa vista por Bernardo Marques, Museu-Biblioteca, Vila Viçosa 1975 (cat. n.º 3).



39. ESTREMOZ

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 29,8 × 39,8 cm  
D1445

ESTREMOZ

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 29.8 × 39.8 cm





**40. ALGARVE I**

Lápis litográfico e tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 33,5 × 43,5 cm  
D1427

**ALGARVE I**

Lithographic pencil and indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 33.5 × 43.5 cm

---

*Figurou em: / Exhibited at:*

- Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa / Porto 1973 (cat. n.º 44).
- Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa 1981 (cat. n.º 3).

*Reproduzido em: / Illustrated in:*

- O Algarve na Obra de Teixeira-Gomes, Portugália Editora, Lisboa 1962, p. 74.



41. ALGARVE II

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 28,0 × 36,5 cm

ALGARVE II

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 28.0 × 36.5 cm

---

— Coleção particular. / Private collection.

Figurou em: / Exhibited at:

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 29).

Reproduzido em: / Illustrated in:

— *O Algarve na Obra de Teixeira-Gomes*, Portugália Editora, Lisboa 1962, p. 54.





**42. ALGARVE III**

Lápis litográfico e tinta-da-china s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 48,8 × 62,2 cm  
D904

**ALGARVE III**

Lithographic pencil and indian-ink on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 48.8 × 62.2 cm

---

— Autenticado por: / Authenticated by: Maria do Rosário Marques

Figurou em: / Exhibited at:

— *Sintra e outros lugares na obra de Bernardo Marques*, G. Colares, Sintra 1995 (cat. n.º 9).

Reproduzido em: / Illustrated in:

— *O Algarve na Obra de Teixeira-Gomes*, Portugália Editora, Lisboa 1962, p. 18.



**43. ALGARVE IV**

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 28,0 × 36,5 cm  
D438  
Anotado: *Algarve* c.i.d.

**ALGARVE IV**

Indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 28.0 × 36.5 cm  
Annotated: *Algarve*

— Coleção da família do artista. / Artist's family collection.

Figurou em: / Exhibited at:

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 27).

Reproduzido em: / Illustrated in:

— *O Algarve na Obra de Teixeira-Gomes*, Portugália Editora, Lisboa 1962, p. 42.





**44. ALGARVE V**

Lápis litográfico e tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 22,8 × 33,4 cm  
D926

**ALGARVE V**

Lithographic pencil and indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 22.8 × 33.4 cm

*Figurou em: / Exhibited at:*

- *Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa / Porto 1973 (cat. n.º 43).*
- *Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa 1981 (cat. n.º 22).*

*Reproduzido em: / Illustrated in:*

- *O Algarve na Obra de Teixeira-Gomes, Portugália Editora, Lisboa 1962, p. 58.*



45. ALGARVE VI

Sépia s/ papel

Assinado c.i.e.; não datado

Dim.: 20,4 × 25,9 cm

D1374

Nota: dedicatória no c.i.e.

ALGARVE VI

Sepia on paper

Signed; undated

Dim.: 20.4 × 25.9 cm

Note: dedicated on the l.l.c.





46. ALGARVE VII

Lápis litográfico s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 33,5 × 43,8 cm  
D685

ALGARVE VII

Lithographic pencil on paper  
Signed; undated  
Dim.: 33,5 × 43,8 cm

---

*Figurou em: / Exhibited at:*

— Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa/Porto 1973 (cat. n.º 13).

*Reproduzido em: / Illustrated in:*

— O Algarve na Obra de Teixeira-Gomes, Portugália Editora, Lisboa 1962, p. 35.



47. SILVES I

Técnica mista s/ papel.  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 41,2 × 56,5 cm  
D1450

SILVES I

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 41.2 × 56.5 cm

---

— Ex-coleção da família do artista. / Former artist's family collection.





**48. SILVES II**

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 27,0 × 34,5 cm  
D440

**SILVES II**

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 27.0 × 34.5 cm

---

— Coleção particular. / Private collection.

Figurou em: / Exhibited at:

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 31).



49. CONVERSAS DE CAFÉ

Sépia s/ papel

Assinado c.i.d.; não datado

Dim.: 20,1 × 25,8 cm

D1452

Anotado: *Conversas de café* c.i.d.

CONVERSAS DE CAFÉ

Sepia on paper

Signed; undated

Dim.: 20.1 × 25.8 cm

Annotated: *Conversas de café*

Figurou em: / Exhibited at:

— Bernardo Marques, G. Dinastia, Lisboa 1981 (cat. n.º 10).

— Bernardo Marques 1899–1962, SEIT, Palácio Foz, Lisboa 1969 (cat. n.º 81).





50. QUE MISTURADA...

Sépia s/ papel

Assinado c.i.e.; não datado

Dim.: 20,1 × 25,8 cm

D1451

Anotado: *Que misturada...* c.i.e.

QUE MISTURADA...

Sepia on paper

Signed; undated

Dim.: 20.1 × 25.8 cm

Annotated: *Que misturada...*



51. MONTPARNASSE

Tinta-da-china s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 29,8 × 23,5 cm  
D1458

MONTPARNASSE

Indian-ink on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 29.8 × 23.5 cm

— Autenticado por: / Authenticated by: Maria do Rosário Marques

Figurou em: / Exhibited at:

- *Bernardo Marques 1899–1962*, SEIT, Palácio Foz, Lisboa 1969 (cat. n.º 65).
- *Bernardo Marques: Période 1934–1962*, Centre Culturel Portugais, FCG, Paris 1982 (cat. n.º 1).
- *Bernardo Marques*, CAM / FCG / Fundação de Serralves, Lisboa / Porto 1989 (cat. n.º 143).
- *Bernardo Marques 1898–1962*, MNAC, Lisboa 1998, (cat. n.º 89).
- *Bernardo Marques de Museu*, G. João Esteves de Oliveira, Lisboa 2003 (cat. p. 14).

Reproduzido em: / Illustrated at:

- PAES, Sellés, *Artistas do Século XX: Bernardo Marques*, Editorial Notícias, Lisboa p. 47.
- RUIVO, Marina Bairrão, *Bernardo Marques 1898–1962*, Editorial Presença, Lisboa 1993, p. 145.





52. A PINTURA, 1930

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado e datado "XXX" c.i.e.  
Dim.: 31,2 × 21,8 cm  
D1457

Anotado no verso: 2 Artes, a Pintura c.i.d.

A PINTURA, 1930

Indian-ink on paper  
Signed and dated "XXX"  
Dim.: 31.2 × 21.8 cm

Annotated on the reverse: 2 Artes, a Pintura

Figurou em: / Exhibited at:

- Bernardo Marques, CAM / FCG / Fundação de Serralves, Lisboa / Porto, 1989 (cat. n.º 15).
- Bernardo Marques, Fundação Oriente, Macau, 1991 (cat. n.º 29).
- Bernardo Marques 1898–1962, MNAC, Lisboa, 1998 (cat. n.º 49).
- Bernardo Marques de Museu, G. João Esteves de Oliveira, Lisboa 2003 (cat. p. 11).



53. FADO

Técnica mista s/ papel  
Assinado c.i.e.; não datado  
Dim.: 38,8 × 29,9  
D1453

FADO

Mixed media on paper  
Signed; undated  
Dim.: 38.8 × 29.9





#### 54. CIRCO

Tinta-da-china s/ papel  
Assinado c.i.d.; não datado  
Dim.: 41,5 × 32,0 cm

#### CIRCO

Indian-ink on paper  
Signed; undated  
Dim.: 41.5 x 32.0 cm

— Coleção particular. / Private collection.

*Figurou em: / Exhibited at:*

- *Bernardo Marques 1899–1962*, SEIT, Palácio Foz, Lisboa 1969 (cat. p. 97).
- *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 36).



#### 55. PALHAÇO

Guache s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 25,0 × 19,5 cm

#### PALHAÇO

Gouache on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 25.0 x 19.5 cm

— Ex-coleção da família do artista. / Former artist's family collection.

— *Autenticado por: / Authenticated by:* Maria do Rosário Marques

*Figurou em: / Exhibited at:*

- *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 35).



56. MARIA ELISA – FIGURINOS

Técnica mista s/ papel  
Não assinado e não datado  
Dim.: 26,5 × 21,0 cm  
D363

MARIA ELISA – FIGURINOS

Mixed media on paper  
Unsigned and undated  
Dim.: 26.5 × 21.0 cm

---

— Autenticado por: / Authenticated by: Maria Elisa Marques

Figurou em: / Exhibited at:

— Bernardo Marques, *Obra Gráfica*, FCG, Lisboa 1998 (cat. p. 7).

— *Para Desenhar ou Pintar, Vejo, Sinto, Volto as Costas*, São Roque, Lisboa 2008 (cat. n.º 40).





57. SEM TÍTULO, 1920  
Técnica mista s/ papel  
Assinado e datado "920" c.i.d.  
Dim.: 23,2 × 12,0 cm  
D1459

UNTITLED, 1920  
Mixed media on paper  
Signed and dated "920"  
Dim.: 23.2 × 12.0 cm



**§ SÃO ROQUE, ANTIGUIDADES & GALERIA DE ARTE**

RUA DE S. BENTO 199B E 269  
1250-219 LISBOA  
PORTUGAL  
T+F +351 213 960 734  
T +351 962 363 260  
E GERAL@SAOROQUEARTE.PT  
WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM

**§ COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO**

MÁRIO ROQUE  
ANTÓNIO AFONSO LIMA  
PATRÍCIA FERRARI  
TERESA PERALTA  
MARIA JOÃO SIQUEIRA  
JORGE FERREIRA  
LEONOR BRANDÃO

**§ TEXTOS**

MARINA BAIRRÃO RUIVO  
SÍLVIA CHICÓ

**§ EDIÇÃO**

SÃO ROQUE

**§ FOTOGRAFIA**

JOÃO KRULL

**§ EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM**

EDUARDO PULIDO

**§ DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO**

JOSÉ MENDES

**§ TIPOGRAFIA**

CHAPARRAL PRO, CAROL TWOMBY

**§ IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

MR ARTES GRÁFICAS

**§ TIRAGEM**

350 EXEMPLARES

**§ DEPÓSITO LEGAL**

466517/20

**§ ISBN**

978-989-98929-8-9

**§ JANEIRO DE 2020**

**§ ©SÃO ROQUE 2020**

**§ AGRADECIMENTOS**

M. ROSÁRIO MARQUES  
M. TERESA MARQUES  
MARINA BAIRRÃO RUIVO  
SÍLVIA CHICÓ  
JOÃO ESTEVES DE OLIVEIRA  
JONATHAN GOULD  
CARLOS ALBUQUERQUE

ISBN 978-989-98929-8-9



9 789899 892989





**SÃO ROQUE** | ANTIGUIDADES & GALERIA DE ARTE  
Rua de São Bento, 199B | 1250-219 Lisboa | T +351 213 960 734  
geral@saoroquearte.pt | antiguidadessaoroque.com

